

Fragmentos de juventude de G.W.F. Hegel.

“Sobre a religião dos gregos e romanos”

“Algumas características distintivas dos poetas antigos”

“As constituições dos estados...”

“Uma fé positiva...”

*André Cressoni**

Universidade de São Paulo

Observações sobre as traduções

Nas traduções ora apresentadas, buscou-se permanecer o mais próximo possível da estrutura e das divisões de frases tal como apresentadas por Hegel. Nestes fragmentos de juventude, Hegel faz uso do travessão de maneira bastante pessoal: por vezes serve como parênteses, em outros momentos como ponto final. Decidiu-se mantê-los, mudando a pontuação somente onde não fazê-lo poderia comprometer a compreensão do texto. Os textos-base utilizados para a tradução provêm da edição crítica da obra completa pela Felix Meiner. Outras traduções em francês e português foram consultadas e utilizadas para chegar à versão final da tradução que aqui se entrega. Estas obras estão referenciadas em notas a cada um dos títulos.

* O autor agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), projeto número 2018/01543-1, pelo financiamento da pesquisa pós-doutoral que tornou este trabalho possível.



Sobre a religião dos gregos e romanos¹

10.Agosto.1787

No que concerne a religião dos gregos e romanos, eles percorreram, nesse aspecto, o caminho de todas as nações. – O pensamento em uma divindade é tão natural ao homem que ele se desenvolveu também em todos os povos. Em sua infância, no estado primitivo da natureza (*Urstand der Natur*), eles [os povos] pensavam Deus como um ser onipotente que os rege e a tudo simplesmente segundo seu arbítrio. Eles formavam sua representação dele [Deus] em conformidade com os soberanos que eles conheciam, os pais e os príncipes das famílias que comandavam sobre a vida e a morte de seus subordinados completamente segundo seus caprichos, a quem eles seguiam cegamente em tudo, mesmo nas ordens injustas e desumanas, [soberanos] que, como homens, poderiam se enfurecer, agir precipitadamente, arrepender-se de algo. Dessa exata maneira pensavam sua divindade, e as representações da maioria dos homens de nossos tão louvados tempos esclarecidos não são adquiridos de modo diferente. Eles viam a infelicidade, o mal físico e moral, como um castigo dela [divindade] e concluíam que, cientes ou não, eles devem tê-la ofendido através de ações que a desagradam e ter merecido sua ira. Eles procuravam, então, apaziguá-la através de presentes, através do melhor que eles tinham, através da primeira colheita, pelo [que lhes era] de fato mais caro, seus filhos. Esses homens não compreendiam ainda que aqueles males não [eram] males reais, que a felicidade e infelicidade dependia deles mesmos, que a divindade nunca envia desgraça para o prejuízo de suas criaturas. Eles também não ponderavam que o ser supremo (*höchste Wesen*) não pode ser ganho através de presentes dos homens, que os homens podem tão pouco aumentar quanto diminuir a riqueza, o poder e a honra dele. – Mas como eles deveriam oferecer-lhe aqueles

¹ Traduzido por André Cressoni e revisado por Erik Petschelies (pós-doutorado Universidade de São Paulo – projeto Fapesp número 2019/18641-9). Texto base consultado: HEGEL, G.W.F. “Frühe Schriften I”, in: *Gesammelte Werke*. NICOLIN, Friedheim; SCHÜLER, Gisela (hrgs.). Hamburg: Felix Meiner, 1989 - a redação aqui traduzida corresponde ao texto 4 (p.42-45). Anteriormente, esta redação primeiro veio a público na biografia de Hegel escrita por Karl Rosenkranz (ROSENKRANZ, Karl. *Georg Wilhelm Friedrich Hegels Leben*. Berlin: 1844 - as redações aqui traduzidas encontram-se nas páginas 454-461). Posteriormente, foi publicada na edição dos textos de juventude de Hoffmeister (HOFFMEISTER, Johannes. *Dokumente zu Hegels Entwicklung*. Stuttgart: Friedrich Frommann Verlag, 1936). As seguintes traduções foram consultadas: HEGEL, G.W.F. *La vie de Jésus. Précédé de Dissertations et fragments de l'époque de Stuttgart et de Tübingen*. Textes réunis et coordonnés par Ari Simhon présentés et traduits par T. Barazon, R. Legros et A. Simhon. Paris: Vrin, 2009; e a tradução presente em anexo à tese CRISSIUMA, Ricardo. *A formação do jovem Hegel (1770–1800): do esclarecimento do homem comum ao carecimento da filosofia*. Campinas, SP: 2017. Tese Doudorado – Universidade Estadual de Campinas.

sacrifícios? Porque eles viam que somente as coisas dissolvidas em fumaça ascendem às nuvens, porque eles supunham que ele [o ser supremo] mora lá, então eles deixavam os presentes intencionados a ele no fogo para que fumegassem acima para ele. Essa é a origem dos sacrifícios, que nos gregos e romanos, bem como nos israelitas, compunha uma parte central da liturgia. Os homens, que só conseguem pensar todas as coisas sob representações sensíveis, logo fizeram para si imagens corpóreas da divindade de argila, madeira ou pedra, cada um de acordo com o ideal que ele tinha do ser mais temível; daí as mais medonhas formas e figuras dos deuses nos povos selvagens sem sensibilidade para o belo e sem arte. Necessariamente cada um deles precisava dar ao seu deus um nome particular.

Quando então diversas tribos se uniam com vistas a um propósito comunitário, ou então eram misturadas, assim cada uma mantinha seu deus. Mas para solidificar a união, eles também deixavam suas divindades particulares formarem uma sociedade, e dispunham-nas, em conjunto, em um [único] local (*an Einen ort*), em que o povo todo adorava a todas em comunidade. Grécia e Roma tinham seu panteão e cada cidade, outra vez, seu próprio deus protetor. Que essas nações foram uma mistura de povos tão diversos, é a pedra de toque das suas diversas divindades e das lendas e histórias tão díspares das mesmas. O politeísmo também foi causado por isso; uma vez que, segundo seus conceitos, eles não consideram o poder limitado da divindade suficientemente poderoso para dominar sozinha a abrangência inteira do tudo, então eles atribuíam a uma divindade particular o governo de um elemento, certas funções, etc. Eles personificavam também os elementos, os campos e outros grandes objetos, e atribuíam seus feitos e transformações a elas mesmas como seres agindo livremente. Do mesmo modo, é conhecido que eles transferiam seus heróis merecedores, depois de suas mortes, para a morada dos deuses e os adoravam como a estes. Essa grande confusão na mitologia foi ainda ampliada sobremaneira através do empenho dos sábios em descobrir o significado de cada fábula. Para a disposição das imagens dos deuses, alguns lugares foram eleitos e templos construídos, a todos eram auferidas uma grande sacralidade, pois se acreditava que o deus morava ali. Escolhia-se para isso, sem dúvida, preferencialmente as altitudes e os bosques, porque sua vista já tem algo de sublime e sua aparente proximidade do céu poderia mais facilmente ser uma morada dos deuses; em parte também, porque a alma de um homem solitário e de viva sensibilidade, em nenhum lugar se encanta tanto, tem manifestações reais e acredita ter visto uma divindade, como na ocasião de uma maravilhosa vista para a vastidão, em que se pode ver de uma vez uma grande parte da bela criação, ou nas quietas e sombrias florestas em que se é encantado.

Um homem, cheio de medo de algo, interpreta todas as circunstâncias baseado nisso e é aterrorizado por tudo. Assim também, aqueles homens sem esclarecimento com uma viva imaginação, cheios de medo do seu deus e firmes na fé [de que] ele opera imediatamente todas as transformações na natureza e por meio disso manifesta sua vontade, explicavam todo evento inesperado e impressionante por tais manifestações. Um grego supersticioso, por isso, não ia pelo caminho se uma doninha tivesse saltado perante ele; ele pedia conselho a um adivinhador se um rato roesse seu saco de farinha. Ainda em nossos dias se prediz, a partir de um cometa, o fim da vida de um monarca e, do grito de uma coruja, a morte próxima de alguém.

Associou-se a isso, ainda, o desejo dos homens de olhar nos destinos do futuro. Eles acreditavam que os deuses, dos quais ele [o futuro] deveras depende, poderiam de certo afastar deles um pouco o véu e prever através de determinados sinais ou deixar proclamar antecipadamente através de homens que ficavam em mais próximo trato com eles [os deuses].

Os homens mais inteligentes e astutos que foram eleitos servidores da divindade notaram todas essas predisposições (*Neigungen*). Eles viam que os povos não se deixam conduzir por nada de tão boa vontade (*willig*) quanto pela religião. Como de nada eles tiram tanto proveito do que através do uso dessa obediência para satisfazer seus anseios e paixões ou também trabalhar para o bem-estar geral, então eles reforçavam aqueles impulsos (*Triebe*), cativavam a imaginação e nutriam-na e ocupavam-na, segundo um direcionamento específico, através de cerimônias sensíveis cheias visando ali [tal objetivo]. Contra todos os ataques da razão, eles se fortaleciam ao ligar a religião a todos os seus feitos e desse modo santificá-los. Eles afastavam as imagens dos deuses, em parte, da perspectiva geral e do impulso da multidão, e davam-lhes, através desse segredo, uma maior dignidade e soberania, assim como ao livre jogo da imaginação. Os sacerdotes tinham, através dos oráculos, influência em todos os assuntos importantes. Na Grécia, eles também eram um dos grupos pelos quais os Estados, tão invejosos e discordantes, se mantinham juntos e foram unidos para um interesse comum.

Tal como surgiram as religiões de todos os povos, também [surgiram] a religião dos gregos e romanos. Somente quando uma nação atingiu um certo nível de formação podem aparecer nelas os homens de uma razão animada, alcançar melhores concepções da divindade e comunicá-la a outros. A maioria dos escritos que temos remanescentes da antiguidade é também deste período. Os mais antigos são importantes para nós, por este lado, ao menos por causa da história da humanidade. Eles sempre nos conclamam para venerar uma providência e acatar as suas ordens, que, sem dúvida, não são arbitrárias, pelas quais elas guiam tudo de

maneira sábia, benevolente e benéfica. No entanto, conceitos corretos da situação da religião do povo como um todo não se deixam propriamente ser extraídos a partir de seus poetas. Eles tratam a religião e a história dos deuses como poetas, cada um de acordo com seu fim último; eles precisavam fundamentar apenas as opiniões gerais. E essa crença popular nas qualidades e no governo da providência era quase a mesma em todos os tempos. A população de todos os povos atribui à divindade qualidades humanas e sensíveis e acredita em recompensas e castigos arbitrários. Essas opiniões, a propósito, são o freio mais forte de suas paixões; as bases da razão e de uma religião mais pura não são suficientemente eficazes contra elas [as paixões].

Pelo contrário, os sábios da Grécia e seus discípulos nos mostram em seus escritos concepções muito mais esclarecidas e sublimes da divindade, especialmente no que diz respeito aos destinos dos homens. Eles ensinaram que ela [a divindade] deu, a cada um, meios e poderes suficientes para sua felicidade, e organizou a natureza das coisas de tal maneira que a verdadeira felicidade fosse alcançada através da sabedoria e da bondade moral. – A maioria deles concordava então nesses princípios fundamentais: somente em suas especulações sobre o ser primevo da divindade e outras coisas inconcebíveis ao homem [que] eles, sem dúvida, inventaram sistemas muito diferentes. Considerados a partir destes pontos de vista, algumas [coisas] nos conceitos de religião, dos quais aduzi apenas alguns, nunca nos parecerão tão incompreensíveis e ridículos, se levarmos em conta que as pessoas das mesmas competências que nós desviaram-se igualmente no desenvolvimento destas [competências] através de sua instrução assimétrica e orientação torta.

O esforço reiterado dessas pessoas para investigar a verdade nos convence da *dificuldade de chegar à pura verdade não deformada pelos erros*, e mostra como o homem muitas vezes para a meio caminho dela, muitas vezes se aventura certamente mais longe, muitas vezes se desvia do [caminho] correto, muitas vezes, ofuscado por uma figura enganosa, captura uma silhueta em vez da realidade (*Wirklichkeit*). Os esforços fracassados tanto quanto os felizes são, para nós, experiências já feitas, que usamos sem estarmos expostos aos perigos, cujo bem coletamos e utilizamos, o que pode evitar os descaminhos.

De sua história aprendemos como é comum, pela habituação e prescrição de certas representações, considerar como razão o maior absurdo e como sabedoria infames tolices. Isso deve chamar a nossa atenção para *nossas opiniões herdadas e reproduzidas, a fim de testar mesmo aquelas com respeito às quais também nunca nos vem à cabeça a dúvida, [e] a suspeita, [de que] elas podem ser porventura completamente falsas ou apenas parcialmente verdadeiras*.

Isso deve nos despertar do sono e da inatividade, que muitas vezes nos tornam tão indiferentes às verdades mais importantes. – Se essas experiências nos ensinaram a tomar por possível, quicá por *provável* que muitas de nossas convicções talvez sejam enganos, e muitas das [convicções] de outros que pensam diferente talvez sejam verdadeiras, não devemos, com isso, odiá-las, [e] julgá-las sem cuidado. Nós sabemos como é fácil cair em enganos, e [nós], então, raramente os atribuiremos à maldade e ignorância, e desse modo [nos] tornamos sempre mais justos e mais benevolentes para com os outros.

Sobre algumas diferenças características dos poetas antigos²

² Traduzido por André Cressoni e revisado por Erik Petschelies (pós-doutorado Universidade de São Paulo – projeto Fapesp número 2019/18641-9) e Talita Cavaignac (doutoranda em Filosofia na Universidade de São Paulo). Texto base consultado: HEGEL, G.W.F. “Frühe Schriften I”, in: *Gesammelte Werke*. NICOLIN, Friedheim; SCHÜLER, Gisela (hrgs.). Hamburg: Felix Meiner, 1989. A redação aqui traduzida corresponde ao texto 5 (p. 46-48). Anteriormente, veio a público na biografia de Hegel escrita por Karl Rosenkranz (ROSENKRANZ, Karl. *Georg Wilhelm Friedrich Hegels Leben*. Berlin: 1844 - as redações aqui traduzidas encontram-se nas páginas 454-461). Posteriormente, foi publicada na edição dos textos de juventude de Hoffmeister (HOFFMEISTER, Johannes. *Dokumente zu Hegels Entwicklung*. Stuttgart: Friedrich Frommann Verlag, 1936). As seguintes traduções foram consultadas: HEGEL, G.W.F. *La vie de Jésus. Précédé de Dissertations et fragments de l'époque de Stuttgart et*

07.Agosto.1788

Em nossos tempos, os poetas não têm mais um campo de influência tão amplo. Os feitos célebres de nossos alemães antigos, [e] também [dos] mais atuais, não são nem entrelaçados com nossa constituição nem suas memórias serão preservadas através da transmissão oral. Nos familiarizamos com eles unicamente a partir dos livros de história, em parte de nações estrangeiras, e essa familiaridade também é restrita às classes mais polidas. Os contos que entretêm o povo comum são tradições de aventura, que não estão ligados nem ao nosso sistema religioso nem à história verídica. Deste modo, os conceitos e a cultura das classes [sociais] devem ser muito diferenciados, com o que um poeta de nosso tempo pudesse esperar ser compreendido e lido por todos. Nosso grande poeta épico alemão,³ por isso, não colocou em muitas mãos a sábia escolha de seu objeto, como teria acontecido se nossas relações públicas fossem gregas. Uma parcela [dos poetas] já se distanciou do sistema sobre o qual são construídas, em parte, todo poema, em parte as passagens singulares; aos outros ocupam demasiadamente as preocupações pelas múltiplas necessidades e confortos da vida para que conseguisse tempo e vontade para elevar-se e se aproximar-se dos conceitos das classes [sociais] altas. - A nós interessa a arte do poeta, não mais a coisa mesma, a qual frequentemente gera a impressão contrária –

Uma característica preeminente marcante das obras dos antigos é o que chamamos a simplicidade, a qual mais se sente do que [se] pode claramente distinguir. Ela consiste propriamente nisso, que os escritores nos apresentam fielmente a imagem da coisa, que eles não buscam torná-la mais interessante através de apetrechos requintados, através de alusões eruditas ou [torná-la] mais reluzente e mais encantadora mediante um pequeno desvio da verdade, como nós hoje em dia exigimos. Eles apenas expressam um tal sentimento, igualmente complexo, de modo simples, sem separar nisso a multiplicidade uma da outra a qual o entendimento pode separar e sem desmembrar o [que é] obscuro.

de Tübingen. Textes réunis et coordonnés par Ari Simhon présentés et traduits par T. Barazon, R. Legros et A. Simhon. Paris: Vrin, 2009; e a tradução presente em anexo à tese CRISSIUMA, Ricardo. *A formação do jovem Hegel (1770–1800): do esclarecimento do homem comum ao carecimento da filosofia*. Campinas, SP: 2017. Tese Doudorado – Universidade Estadual de Campinas.

³ Grande parte dos comentadores, seguindo a indicação de Dilthey, argumentam que Hegel aqui se refere a Friedrich Gottlieb Klopstock em sua obra *O Messias* de 1773. Sobre isso, ver HARRIS, H.S. *Hegel's Development. Towards the Sunlight 1770-1801*. Oxford: Oxford University Press, 1972, p. 41, nota 1.

Além disso, uma vez que o sistema inteiro de sua educação e formação era de tal modo obtido que todos tinham adquirido suas ideias a partir da experiência própria e

a fria erudição livresca que se expressa no cérebro somente com sinais mortos, não lhes era conhecida, mas em tudo que sabiam, ainda podiam dizer: como? Onde? Por quê? eles o aprenderam;⁴

assim, todos deviam ter uma forma própria de seu espírito e um sistema próprio de pensamento, de modo que todos deviam ser originais. Nós aprendemos, desde nossa juventude, sobre a multidão corrente de palavras e signos das ideias e elas repousam em nossa cabeça sem atividade e sem uso. Somente gradualmente pela experiência conhecemos nosso tesouro e pensamos algo pelas palavras, a quais, porém, já são para nós, por assim dizer, como formas segundo as quais modelamos nossas ideias e as quais já têm determinadas sua dimensão e limitação e são relações segundo as quais estamos acostumados a ver tudo. – Para dizer casualmente, baseia-se nisso uma vantagem principal que tem o aprendizado de línguas estrangeiras, [a saber] que nós tanto condensamos de modo geral os conceitos quanto o aprendemos a isolá-los. Daquela maneira de se formar própria aos nossos tempos ocorre então que para algumas pessoas corre em paralelo as sucessões mesmas de ideias reunidas e palavras aprendidas sem ter se vinculado a Um sistema, comumente sem sequer se tocarem ou alcançarem uma a outra em algum lugar.

Outra coisa característica é que os poetas descreviam especialmente as aparências da natureza visível, as quais refluíam exteriormente nos sentidos, com os quais eles eram precisamente familiarizados, dado que nós, pelo contrário, somos melhor informados do jogo interno das forças e, em geral, sabemos mais as causas das coisas do que como elas aparecem. Com eles, cada um conhecia por si mesmo os modos de agir de outras classes sem ter tido, aliás, a intenção de aprendê-las. Consequentemente, os termos artísticos não haviam de forma alguma se tornado comuns. A fim de designar as nuances tênues na alteração da natureza visível, nós sem dúvida também temos palavras, só que elas se tornaram correntes ou provinciais somente na linguagem vulgar. – De todo, vê-se imediatamente em todas as obras dos antigos que eles se

⁴ Trecho tirado da obra de Gotthold Ephraim Lessing intitulada *Natha, o sábio*.

entregaram serenamente ao curso das suas representações e produziram suas obras sem consideração a um público; enquanto que, sobre as nossas [obras], salta aos que elas foram escritas pelos seus autores com a consciência [de que] se as lerá, e, por assim dizer, com a ideia como se entretivessem seus leitores.

Vemos ao mesmo tempo que, nas formas ainda convencionais da poesia, as circunstâncias deram ao gênio a direção dos primeiros grandes inventores. Em nenhum outro lugar se mostra tanto esta influência quanto na história da arte poética dramática. A tragédia tem sua origem nas celebrações rudes feitas em honra de Baco, as quais eram acompanhadas com canto e dança (Tib. II, 1,57; *Ars Poetica*, Horácio, v. 220). Da recompensa, ela obteve os nomes. Inicialmente, elas [celebrações] foram interrompidas apenas por uma pessoa, que contava histórias antigas de deuses. Ésquilo introduziu pela primeira vez duas pessoas, fez um teatro organizado, ao invés do anterior que se servia de uma cabana (*skhené*) de ramos jovens, que, para poder apresentar mais cenas, estava dividida em mais câmaras. O espectador devia então caminhar de uma para outra [câmara]. Os poetas seguintes evitaram isso com a disposição de um palco ordenado através da unidade do lugar, cuja regra eles apenas raramente sacrificaram maiores belezas (como Sófocles em o *Ajax* v. 815pp). De seu primeiro criador de fato, a linguagem obteve também sua dignidade solene, a qual posteriormente sempre a caracterizou. Se esclarece, a partir disso, como surgiu a forma particular da tragédia grega, principalmente a [forma] particular do coro. Tivessem os alemães pouco a pouco se refinado sem cultura estrangeira, sem dúvida seu espírito teria tomado outro curso e teriam um teatro propriamente alemão, ao invés de termos tomado emprestado a forma dos gregos. - Sua comédia teve uma origem semelhante à dos jogos sujos de trapaças (*phallikha*) da população rural, aos fesceninos dos romanos (Aristot. *Ars Poet.* Cap. II, keph. 4. Horat. *Epist.* II, Eop. 1, v. 139ff. e nota do Wieland sobre isso). A própria natureza ensinou ao povo mais bruto um tipo de poesia selvagem, a partir da qual, então, a arte gradualmente transformou no que se chama poesia entre os povos mais refinados. Para os atenienses, dos quais Juvenal fala: *natio comoeda est* [A nação é comediantes], este gênero devia perfazer sua fortuna particular, já que os romanos sérios, em contrapartida, não podiam ter nenhum afeto pela fina comédia.

Os antigos conheciam somente estes dois gêneros da poesia dramática. Alguns gêneros híbridos, sobre os quais se refinaram para ceder ao gosto mimado dos ouvintes (*kat' eukhén poiointes tois theateis* Aristot. *Ars. Poet.* VII, keph. (13), parecem não ter se conservado por muito tempo.

As constituições dos estados...⁵

1793-1794

Há muito as constituições de estado, legislações e religiões dos povos trazem em si ainda traços de seu espírito infantil original, mesmo se ele já se desvaneceu há muito tempo. Há muito tempo o poder ainda está nas mãos de uma única pessoa à qual [se] lhe permitiu, com um senso de criança, exercer [tal poder], como uma família ao seu pai - quando o povo há muito deixou de ser uma família, e o príncipe, um pai. Em vista da constituição do estado e da legislação, os povos logo sentiram, à medida que se expandiram um pouco, que sua confiança infantil fora abusada e restringiram, através de certas leis, a má ou boa vontade de seus governantes. O espírito infantil tem sido preservado por um longo tempo nas religiões, e estas sempre carregam em si traços do mesmo, quando nos Estados [por outro lado] há muito não se acredita mais que alguém seja capaz de fazer um bem maior do que aquele que lhe é permitido ou ordenado a fazer.

⁵ Traduzido por André Cressoni e revisado por Lucas Nascimento Machado (professor substituto em Filosofia UFRJ). Texto-base utilizado: HEGEL, G.W.F. (1989), 'Die StaatsVerfassungen...', in: *Gesammelte Werke*. Friedhelm Nicolin und Gisele Schüler (hrsg.). Bd. 1. Frühe Schriften I. Hamburg: Felix Meiner. 1989, p. 123-126. Primeiro publicado em NOHL, Herman. *Hegels Theologische Jugendschrift*. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1907, pp.36-39. A seguinte tradução foi consultada: HEGEL, G.W.F. *Fragments de la période de Berne*. Trad. Robert Legros et Fabienne Verstraeten. Paris: J. Vrin, 1987, pp. 42-45.

Este senso de criança na religião considera Deus como um senhor poderoso,⁶ que, além disso, tem predisposições, paixões, mesmo humores, como os governantes entre os homens, e, portanto, nem sempre pune de acordo com as regras da lei ou torna feliz – a quem se pode, portanto, adular – a quem se consagra mais temor do que amor, a quem [se] oferece algo, como antigamente e ainda hoje aos príncipes do Oriente – como ainda hoje a inocência [oferece] aos seus benfeitores ou amigos, as boas dádivas que a natureza dá ao homem – a alegria, o contentamento – [a quem se] reserva muitas vezes o mais belo, o mais antigo como tributo voluntário de confiança e alegria – a fantasia (*Phantasie*) acredita n’Ele o mais perto aqui ou ali, que Ele, aqui ou lá⁷ parece preferir habitar – e que esses lugares, esses homens parecem sagrados, veneráveis – σεμνοί,⁸ πελώριοι⁹ – que ao entendimento infantil [Deus] parece agir mais diretamente nos climas, inundações, peste, etc., nas ondas do mar, na ameaça dos rochedos (à margem: a mesma, ou mais) – e para o qual a imaginação infantil transfere os assuntos e circunstâncias da vida humana.¹⁰

Esse senso de criança deu origem às instituições, costumes¹¹ – e representações religiosas – que muitas vezes parecem à razão bizarros e ridículos, muitas vezes desprezíveis, e ainda mais quando ela [a razão] vê, ademais, que a sede de poder enganou os bons corações dos homens – sempre indignos – parecem, porém, ao espírito e à fantasia que, nesse sentido se descuida, muitas vezes amáveis, muitas vezes sublimes, até mesmo muitas vezes comoventes no mais alto grau. Eles [instituições, costumes e representações religiosas] são santificados [e] frutificados pela tradição; além do mais, o interesse de muitas pessoas se envolve ali [de formas] tão múltiplas que a maior degeneração, de um lado, e os progressos da razão, de outro, são necessários para banir, sob violento tremor, um tal sistema entrelaçado nos hábitos comuns. – Quanto mais, por um lado, desvanece o espírito que originariamente expirava nessas instituições – e [quanto mais] as práticas e exercícios sagrados se tornam, em seguida, um fardo

⁶ À margem to texto encontra-se escrito: “Deus descansou”.

⁷ À margem to texto encontra-se escrito “ao redor de homens sagrados, em torno de cabanas na inocência de um Baucis”. Refere-se aqui à história de Filémon e Baucis, narrado no oitavo livro das *Metamorfoses* (VIII, 610-715) de Ovídio. Acrescentarei uma nota explicando esta história.

⁸ Augusto, sagrado, próprio dos deuses (fontes Liddel-Scott Dictionary; Perseus).

⁹ Imenso, monstruoso, prodigioso, maravilhoso – em alemão, ungeheuer (fontes Zeno.org; Liddel-Scott Dictionary; Perseus)

¹⁰ À margem do texto encontra-se escrito: “Deus desceu do céu para ver Sodoma e Babel”.

¹¹ À margem do texto encontra-se escrito: “em especial oferendas – orações e expirações”.

que a devoção não sentia antes – e [quanto mais], por outro lado, a razão ganha mais terreno, mais próximas estão essas práticas da queda certa – É incompatível com a razão, que reivindica ações de dever, a devoção, que traz dádivas e oferendas aos templos da divindade – ou [que] alivia seu coração em expiações, penitências, jejuns, longas orações violentas – ou que se deleita em sentimentos devotos de amor – [em] sensações místicas. Com os progressos da razão, muitas sensações são inexoravelmente perdidas, muito mais¹² associações comoventes da imaginação tornam-se mais fracas, [associações estas] que chamamos de simplicidade de costumes, e cujo retrato nos agrada, nos comove¹³ – cuja perda muitas vezes lamentamos, não injustamente. Rastros delas sempre ficam para trás – traços secretos (exceto aqueles associados com toda inclinação e paixão humana) onde o homem que quer ser completamente racional¹⁴ é, de certo modo, muitas vezes surpreendido. Por que ainda em nossos dias – relíquias de Frederico, o Grande, de Rousseau são assiduamente visitadas e vendidas caro? -

Esses traços são aqueles que, além de sua bravura e lealdade, tornam, por exemplo, as cenas da época de cavaleiros tão atraentes para nós – o desaparecimento de tais associações é o que a velhice toma pelo próprio desaparecimento dos costumes – e [que] provoca suas queixas – Quando essa simplicidade dos costumes é, ainda, universal em um povo – se tudo é, ainda, justamente tão sagrado aos príncipes, aos sacerdotes – como ao povo inteiro – não há espetáculo mais comovente, mais benéfico – esta é a fortuna dos ilhéus do mar do sul – também era, talvez, a dos peruanos antes das disputas de Athahualpa e Huascar. Mas [quando] uma classe – a classe governante ou a classe sacerdotal – ou ambas ao mesmo tempo perdem esse espírito de simplicidade que instituía e até hoje animava as suas leis e ordens, nisso, assim, ela [a perda] não [somente] é irreparável – mas são [também] certas, então, a opressão, a desonra, desprezo do povo (por isso o isolamento em classes já [é] perigosa para a liberdade, porque ela pode produzir um *esprit de corps* – que em breve se torna o contrário do espírito do todo). Quando as oferendas, as penitências também não são mais impostas ao povo – tal como antes era costumeiro, o todo em conjunto nunca é uma comunidade que, comunitária no sentido de fato, se coloca unânime diante dos altares de seus deuses – e sim [este todo é] um amontoado no qual

¹² O francês pensa o *sonst* aqui no sentido temporal, como “des associations de l’imagination autrefois émouvantes son à présent affaibles”. Eu penso que este *sonst* tem o sentido mais comum mesmo de *mais*.

¹³ À margem do texto encontra-se escrito: “o *locus* se torna uma pilha de madeira, e os templos uma massa de pedras como [quaisquer] outros”.

¹⁴ Sobre as estas palavras, encontra-se escrito entre esta linha e linha cima dela: “em sua humanidade”.

seus líderes provocam sensações sagradas – e das quais eles mesmos não compartilham – como o ilusionista [provoca] a admiração do público boquiaberto, onde ele mesmo, na verdade, não admira nada – mas tampouco simula – compartilhar do espanto deles, lá, ao contrário, aqueles fingem a simpatia em sua compostura, feição e palavras – Este contraste é tanto mais escandaloso para o espectador sereno quanto mais lhe sensibiliza a simplicidade, a inocência da multidão – a cena do povo absorto, dos olhares dirigidos para o céu – das mãos juntas, dos joelhos curvados, do suspiro profundo, da prece inflamada [se] elevaria irresistivelmente seu coração com puro calor – se os personagens principais do jogo já não misturaram a amargura em sua sensação.

Pelo que o povo saberá se seus sacerdotes têm, em seu culto, outras intenções do que aumentar sua devoção, se sua fé neles não foi mal utilizada [?] –

A causa da possibilidade desta degeneração jaz provavelmente nisso, que, além do fato do objeto da religião ser algo misterioso, a maioria, especialmente religiões externas, tinham seus mistérios ocultos ou também universalmente conhecidos – que, para poder ser o depositário dos mesmos, eram necessários características especiais, preparativos especiais – que lhes [os sacerdotes] davam uma distinção, e como [estavam] mais pertos do santuário mesmo, fluía para eles mesmos uma parte da veneração, que era consagrada àquele [o santuário] – Eles tinham, em seguida, a prescrição das festas religiosas para realizar – (e em cada festividade nacional presidia a religiosidade) – o recebimento, conservação ou uso das dádivas para a divindade foi confiado à sua conscienciosidade.

Um povo, portanto, que deseja estabelecer seu culto público de tal modo que os sentidos, a fantasia e o coração sejam comovidos – sem que com isso a razão acabe vazia – [de tal modo] que sua devoção nasça de uma atividade associada e elevação de todos os poderes da alma – a representação do dever estrito animado pela beleza e pela alegria e [com isso] tornada mais acessível – um tal povo, a fim de não entregar, através de suas sensações, às mãos de uma classe de homens a rédea de sua dependência, organizará seus próprios festivais, usará suas próprias doações – e se seus sentidos, através de suas instituições nativas, se tornam ativos – sua imaginação atônita (surpreendida)[,] seu coração comovido – e sua razão suprida, então seu

espírito não sentirá necessidade alguma – ou melhor, não o satisfaria de modo algum emprestar os ouvidos todos os 7 dias a frases e imagens que somente na Síria alguns 1000 anos atrás eram compreensíveis e estavam no seu lugar.

Uma fé positiva...¹⁵

Inverno 1795-1796

Uma fé positiva é um sistema de axiomas religiosos tal que, por isso, deve ter verdade para nós, porque nos é imposto por uma autoridade à qual nós não podemos nos negar a submeter nossa fé. Neste conceito [fé positiva] encontra-se, antes de tudo, um sistema de axiomas ou verdades religiosas que, independentemente de nossa crença,¹⁶ devem ser tomadas como verdades que, mesmo caso nenhuma pessoa as conheça, [mesmo caso] não fosse tomada como verdade por ninguém, apesar disso permaneceriam verdades, e que, nessa medida, frequentemente são chamadas de verdades objetivas – estas verdades devem agora se tornar verdades para nós, verdades subjetivas – o entendimento e a razão devem aceitar enquanto tais aquelas verdades que lhes concernem, [e do mesmo modo] aquelas [verdades], que contêm os mandamentos para a nossa vontade, *devem* ser admitidas por ela enquanto máximas, [e] mais precisamente o primeiro mandamento das mesmas [máximas] é a condição de todo o resto –

¹⁵ Traduzido por André Cressoni e revisado por Régis Alves (doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo – projeto Fapesp número 2018/01542-5). Texto base utilizado: HEGEL, G.W.F. (1989), ‘Ein positiver Glauben..’, in: *Gesammelte Werke*. Friedhelm Nicolin und Gisel Schüler (hrsg.). Bd. 1. Frühe Schriften I. Hamburg: Felix Meiner. 1989, p. 352-358. Primeiro publicado em NOHL, Herman. *Hegels Theologische Jugendschrift*. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1907, pp.233-239. A seguinte tradução foi consultada: HEGEL, G.W.F. *Fragments de la période de Berne*. Trad. Robert Legros et Fabienne Verstraeten. Paris: J. Vrin, 1987, pp. 81-86.

¹⁶ O termo é *Fürwahrhalten* que encontra-se em Kant na *Crítica da Razão Pura*, na terceira seção de O Cânone da Razão Pura, intitulada “Da opinião, da ciência, e da fé”: “A crença (o considerar algo verdadeiro) é um fato do nosso entendimento que pode repousar sobre princípios objetivos, mas que também exige causas subjetivas no espírito do que julga. Quando é válida para todos aqueles que sejam dotados de razão, o seu princípio é objetivamente suficiente e a crença chama-se então *convicção*. Se tem o seu princípio apenas na natureza particular do sujeito designa-se por *persuasão*” (KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução Manuel Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5ª edição. Lisboa: Fundação Couste Gulbenkian, 2001.)

aquele [primeiro mandamento] que nos ordena a tomar aquelas verdades enquanto tais – isso nos é pois imposto por uma autoridade que nós simplesmente não podemos recusar a obedecer – Este conceito [de dever] pertence essencialmente ao conceito de uma fé positiva que para nós é uma obrigação acreditar – pois a fé histórica, além de [ser] a fé naquilo que pais, educadores e amigos nos dizem, também é uma fé na autoridade, só que esta fé tem seu fundamento em uma confiança nestas pessoas que é arbitrária, que na maior parte das vezes é baseada na própria credibilidade que têm para nós as notícias que nos são dadas por eles – por outro lado, a fé na autoridade das doutrinas positivas não é algo que podemos escolher livremente, e a confiança nela, antes de todo o conhecer ou juízo do conteúdo das doutrinas dadas, deve ser fundamentada. O direito de Deus sobre nós e a obrigação de nossa obediência para com Ele é baseado nisso, porque ele é nosso Senhor poderoso e Soberano, e nós somos Suas criaturas e súditos, - [é baseado] em Seus benefícios para conosco e nossa obrigação de gratidão, [e também] nisso, ademais, de que ele é a fonte da verdade, e nós somos ignorantes, cegos; quanto a estes títulos de direito notamos somente que os dois últimos já pressupõem um certo amor à verdade, uma espécie de disposição moral, especialmente aquilo que, tomado das benfeitorias de Deus, pressupõe o que deve primeiro ser provado – em outras palavras, nossa obrigação com a religião positiva é, nesse caso, derivado do fato de que esta é um benefício, e obedecer por gratidão significa tanto [também], na verdade, agradar a Deus, causar alegria para ele e assim por diante; o primeiro motivo de nossa obrigação é o que realmente importa, especialmente no que, com isso, se volta ao homem sensível, em quem primeiramente uma disposição moral deve ser produzida; [e] que desta relação com Deus compete a este ser um tipo de direito de coação – de cujo exercício ele [o homem sensível] nunca pode fugir, – de um senhor de terras, o escravo pode esperar escapar, retirar-se do de seu círculo de poder de seu poder; mas não de Deus – [se] ele tomasse as asas da aurora, então você está lá – [se] ele se entocasse no mais profundo mar, então você também está lá¹⁷ – Quem reconhece essa superioridade de um ser não apenas sobre os impulsos de sua vida, – pois uma tal [pessoa] deve reconhecer cada um, seja ora sob o nome de natureza, *fatum*, ou providência – mas uma tal superioridade também sobre seu espírito, sobre a abrangência total de seu ser, esta [pessoa] não consegue se esquivar de uma fé positiva – a capacidade para uma tal [fé positiva] pressupõe uma perda necessária de liberdade da razão, da autonomia da mesma [pessoa], que nada é capaz de opor a um poder estranho. Aqui está o

¹⁷ Alusão ao Salmo 138: “Se tomar as asas da aurora, me fixar nos confins do mar,/é ainda vossa mão que lá me levará, e vossa destra me sustentará”.

primeiro ponto do qual parte toda fé (*Glauben*) ou não fé (*Unglauben*) em uma religião positiva, e [é] ao mesmo tempo o centro em torno do qual giram, por isso, todas as disputas, e mesmo que ele [o primeiro ponto, o centro] não venha claramente à consciência, ainda assim ele constitui a causa de toda subserviência ou rebeldia. Os ortodoxos devem aqui se obstinar, nada conceder aqui; – mesmo que admitam que a moralidade é realmente o objetivo absoluto e mais elevado da humanidade, mesmo admitindo que a razão é capaz porque não podem negar o que acontece diante de seus olhos – construir um sistema puro da moralidade – ainda assim eles devem afirmar que é impossível para ela [a razão] obter a primazia das inclinações, realizar suas demandas, e eles devem necessariamente determinar estas demandas, [que são] o fim supremo da humanidade, de tal maneira que o homem depende de um ser fora dele, se não na colocação deste mesmo [fim], então na [sua] exequibilidade. Uma vez pressuposta essa incapacidade da razão e a dependência de todo nosso ser, que é a condição necessária de tudo que se segue, então a prova de que certa [religião], por exemplo, a religião cristã seja uma tal religião positiva dada por Deus deve ser conduzida [de forma] completamente histórica, e isso agora é ainda mais fácil, porque, com o reconhecimento de nossa servidão, abandonamos, justamente através disso, o critério de uma outra prova, abdicamos completamente do direito de nos perguntar pelos fundamentos internos, pela racionalidade dos mesmos, de investigar a adequação dos acontecimentos narrados às leis da experiência – A pergunta pela racionalidade ou irracionalidade é aqui uma questão completamente ociosa, que porventura pode ser feita devido ao tédio, mas que simplesmente não pode ser considerada como contribuindo para a decisão de minha fé – perante o tribunal superior, uma vez que é reconhecido, todos os inferiores devem ficar em silêncio – o que, por isso, é considerado verdadeiro, porque é racional, nunca está dentro do escopo da minha fé positiva, embora pode de fato acontecer que, o que eu inicialmente acreditei meramente porque a fé nisso me foi imposta, eu depois acredite porque agora acho isso apropriado à minha razão, porque me convenci disso a partir de fundamentos; que todo o conteúdo de uma religião positiva seja capaz, por fim, de ser tomado por verdade a partir da razão particular, isso somente uma outra [pessoa] que seja livre dessa fé positiva pode esperar ou exigir, ou a recondução de sua doutrina positiva para a razão pode ser empreendida por um crente somente para satisfazer uma tal [pessoa] estranha [à fé positiva]. Se fosse mantido interesse nisso, dever-se-ia, antes, esperar o oposto de uma religião revelada por Deus, que contém assim verdades divinas, isto é, concebidas por Deus, a saber os pensamentos de Deus não podem ser compreendidos [nem] avaliados pela razão humana – Como uma fé positiva

sobre tais verdades é concebível, [como ela é] possível, como elas podem se tornar subjetivas [?]; neste estado, quão afetado é o ânimo humano, quão ativo, quão sofredor? As expressões – uma fé é uma viva convicção que nos impele à ação, acompanhada por sentimentos, são muito indeterminadas, como se através disso nos dizesse muita coisa.

A religião cristã contém em parte mandamentos concernentes ao conhecimento de objetos, com seus momentos práticos e, em parte, mandamentos sobre ações.

A possibilidade de compartilhar suas experiências e pensamentos com outro pressupõe que ele já tenha tido [experiências e pensamentos] semelhantes, que mostramos agora para ele em um contexto diferente, e entregamos agora para ele os combinar da maneira que ora lhe indicamos; pressupõe [ainda] a capacidade [do outro] de produzir em si as mesmas atividades que lhe indicamos; as verdades da religião cristã que se relacionam com a capacidade do conhecimento, se relacionam em parte com o poder da imaginação, em parte com o entendimento, e em parte com a razão –

A imaginação, sob a autorização do entendimento, incorpora as verdades históricas que concordam com nossas outras leis da experiência, por meio do que nada é novo para ela senão o contexto no qual ela agora é instruída a provocar representações anteriormente dadas, ela as [verdades históricas] incorpora ao mesmo tempo com a representação secundária – [de] que foram experiências efetivas, que foram sentimentos existentes que motivaram o entendimento de todas as pessoas a quem esses sentimentos eram dados a uma atividade necessária – é isso que a fé significa aqui – Agora ocorrem, porém, as verdades históricas as quais um entendimento um pouco treinado imediatamente vê que elas contradizem suas leis, e que ele está, assim, inclinado a rejeitá-las, bem como todos os milagres – e outros acontecimentos sobrenaturais; ele [o entendimento] não está satisfeito que se refira a causas suprassensíveis, pois ele não entende de maneira alguma tal resposta, para ele não é dito com isso absolutamente nada – como a obrigação de crer pode ser satisfeita agora? A imaginação está completamente satisfeita com aquela alegação de uma causa sobrenatural – para ela [isso] é totalmente indiferente – mas o entendimento recusa sua poesia [da imaginação] e não permite a ela qualquer apelação na pergunta sobre a realidade (*Realität*) ou não-realidade (*Nichtrealität*) de uma representação – então deve ser colocado em jogo um poder mais alto, diante do qual o próprio entendimento deve silenciar, e [então] a fé se torna uma questão de obrigação, e é remetida a uma região do suprassensível na qual o entendimento não tem mais permissão

nenhuma de se manifestar – nesse ponto de vista, crer significa manter por obrigação, isto é, por medo diante do soberano poderoso, um contexto de circunstâncias que é dado à imaginação e no qual o entendimento sempre busca um outro [contexto], [e] com isso forçar o entendimento a ainda dar ele mesmo uma mão a esse negócio, que para ele [o entendimento] é um horror, e a adotar o conceito de causa, e a remover da consciência suas exigências assim que ele quiser se envolver mais ali, a trazer para a consciência o contexto dado à imaginação, e através de cuja retenção não dar nenhum espaço a ele [o entendimento].

Os momentos práticos são então dados à razão para satisfazer suas demandas – eles não se dirigem rumo à vontade a fim de determina-la a [tomar] ações, mas para a razão, ou lei, que faz exigências à vontade e ao mundo dos sentidos – no sistema de uma religião positiva são permitidas à razão somente exigências sobre o mundo dos sentidos, as quais essa religião positiva promete satisfazer – a lei do senhor, a própria religião positiva que aqui promete amparo, faz exigências sobre a vontade – essa vontade, a saber, que desprovida da fé em seu poder, e com o qual, por mais que ainda julgue-se capaz, sente impossível poder alcançar a adequação ao ideal que lhe manda a religião positiva – [essa vontade] adquire a promessa de receber ajuda de cima e amparo – Com essa fé é refletido e elevado à consciência aquilo que fundamenta a possibilidade de uma fé positiva em geral, [a saber] a impotência moral e o sentimento de ser uma máquina, embora ainda representante e impulsionada por representações dadas – isso é refletido em nossa ignorância quanto à força desta engrenagem, na incapacidade, testada amiúde por nós, de sermos movidos por certas representações – e a isso é associada a esperança de que o primeiro motor desta obra, enquanto um senhor bom e misericordioso, se ocupe dela e a auxilie quando ela estiver paralisada. O homem concebido na fé positiva faz aqui de todo o seu estado, fielmente, o objeto de sua reflexão, apenas que, como ele é habitualmente determinado pelas representações dadas a ele na religião positiva, ele não pensa [que] essa determinação veio do meio de representação, e sim que ela deviria de sua atividade, de seu próprio ser. No que concerne as exigências da razão prática que a religião positiva promete satisfazer, elas são de dois tipos distintos: a razão deseja realizar de fato algumas, outras, porém, ela teria medo ante sua realização – contra ambos, a religião positiva promete acalmá-las – Já a expressão: a razão deseja, ou que tem medo, indica que a sensibilidade aqui está em jogo, que talvez fosse esta que na verdade daria sustentação à razão para fazer aquelas exigências – e que é realmente ela [a sensibilidade] que quer ser satisfeita – No postulado, que se tornou famoso especialmente nos tempos modernos, e que ocorre entre todos os povos, da harmonia da

felicidade com a moralidade, como chega a razão à reivindicação de algo que reconhece, a esse respeito, como independente de si mesma e indefinível? A razão, que prosperou em algum sujeito a um grau de dominação, de poder – dá à consciência o sentimento do dever, do dominar – [se] ela se dirige, com isso, para a vontade, que tem um objeto definido de impulso, então este é ativo segundo a forma dada pela razão, [ele] emprega as potências físicas, elas vencem ou perdem em luta com potências estranhas resistentes, e [se] a vontade se manteve firme, então, em todo caso, ocorre da razão estar satisfeita, e quando alguém é morto por honra, ou por pátria ou virtude, só em nossos tempos poder-se-ia dizer que o homem seria digno de um destino melhor. Onde a razão encontra uma vontade que foi mais dominada pelas inclinações sensíveis, e onde raramente encontra oportunidade de se dirigir a ela [a vontade], em tais sujeitos a sensibilidade percebe sua voz [da razão], seu: “deve”; e esclarece isso de acordo com suas próprias necessidades, e interpreta esse “deve” da razão como um desejo por felicidade, cujo desejo nisso, entretanto, é diferente da exigência sensível da felicidade, pois se fundamenta na voz da razão, pois pressupõe um poder desta para ser capaz de anunciar um “deve” – e esta exigência igualmente legitimada através da razão significa então merecimento à felicidade – e desmerecimento da mesma significa uma incapacidade da razão de anunciar um “deve” – uma submissão da mesma e, portanto, também uma impotência contra as circunstâncias externas. Em ambos os casos, a razão não exige a felicidade imediatamente, esse conceito é tão impróprio para ela quanto o sentimento para o entendimento – ela [a razão] somente dá à consciência seu dever – ou não; o que é compreendido pela sensibilidade – aquela [razão] não determina em absoluto o que o objeto desse dever deve ser, não tem objeto algum de sua dominação – mesmo amalgamada com a sensibilidade, a razão exige a realização de seu objeto¹⁸ e uma vez que ela não consegue realizar essa mistura, visto que ela é enfraquecida e contaminada pela mistura da natureza, ela demanda então um ser estranho que preside o domínio sobre a natureza, [esta] que ela agora dá falta e que ela agora não mais consegue desprezar. Neste ponto de vista, a fé significa falta de consciência [de] que a razão é absoluta, completa em si mesma – que sua ideia infinita deve ser engendrada somente por si mesma, limpa de mistura estranha, que isso só pode ser completado pela remoção justamente desse estranho intruso – não por uma assimilação no mesmo – o fim supremo da razão, condicionado de tal maneira, fornece a fé moral na existência de Deus, [fé esta] que não pode ser prática na medida em que, enquanto ela poderia impulsionar

¹⁸ À margem do texto encontra-se escrito “que foi tão incondicionalmente exigido, [essa] é a atividade da razão, que a felicidade foi exigida, [isso] a sensibilidade [é que] põe”

a vontade a realizar aquele fim supremo, somente [o poderia], porém, sobre a parte do fim supremo que depende dela [da vontade], para o qual ela se tornou tão disposta através da consideração em torno [do fato de] que a sensibilidade com isso também encontrará sua conta. Quem – como um republicano, ou um guerreiro, que não luta exatamente por uma pátria, mas sim pela honra – estabeleceu, então, para si mesmo um fim da sua existência no qual não encontra a segunda peça – a felicidade – , tem um fim cuja realização depende inteiramente dele e, portanto, não carece de auxílio externo. A religião positiva suporta aquela fé moral, ainda, através de imagens, através de dados para a imaginação, à qual ela [a religião positiva] traz aquele objeto para mais perto, visto que faz dele um objeto em tal medida que faz dele um objeto em tal medida em que ela narra que este seria dado, aqui e ali, aos homens na experiência. Outra famosa carência da razão, à qual ela absolutamente não pode dar uma resposta satisfatória, é o consolo desejado pelas punições necessárias que devem seguir à imoralidade.